

Sarney e o País, os vencedores de hoje

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

Feliz, o presidente José Sarney deixou a Capital Federal, ontem, depois do almoço. Pouco mais tarde era recepcionado pela população de São Luís. Retorna hoje cedo, depois de votar. A razão de sua felicidade, como comentou, está na constatação de que o Brasil vive momento pleno de democracia. As campanhas para prefeito das capitais e outros municípios demonstraram-se as mais vivas e entusiasmadas dos últimos tempos. Terão superado, mesmo, as campanhas de 1982, para os governos estaduais e o Congresso. Livremente, o povo debateu, foi para as ruas, acompanhou a trajetória dos candidatos, até brigou. O que mais poderia desejar um presidente da República, oito meses depois de empossado com o propósito de restabelecer a democracia no País?

Independentemente dos resultados, só esse fator fala pelos novos tempos, no entender do chefe do governo. Dessa forma é que se vão reconstituindo as instituições. Dias de campanha e dias de eleição passam, outra vez, a ser dias de festa. Não obstante excessos havidos aqui e ali, salta aos olhos que o povo sempre esteve preparado para a democracia. Basta dispor de condições para exercitá-la.

Por isso, Sarney tem a certeza de que não sairá enfraquecido do pleito, ao contrário do que acentuou Leonel Brizola, um dia antes. Ganhe quem ganhar, a Nação sai como a grande vitoriosa, bastando a ele, Sarney, permanecer acoplado aos anseios e às necessidades gerais. Houve quem se insurgisse contra a realização das eleições de prefeito, este ano, alegando ebulções e confrontos, assim como crises e divisões partidárias. Pois o saldo se revela positivo. Principalmente para o presidente que não é nem pretende tornar-se chefe partidário. Quando as urnas começarem a ser abertas, depois das 18 horas de hoje, mostrarão a vitória daqueles que mais de perto sensibilizaram o eleitorado. De maneira livre, aberta e sem o menor constrangimento, todos puderam manifestar-se.

Acresce, para o chefe do governo, que o sistema de forças que o apóia sairá amplamente vitorioso. É claro que preferiria ter visto a Aliança Democrática unida de Norte a Sul, mas as injunções políticas que em diversos Estados fizeram dividir o PMDB e o PFL não empanam o produto final. A natureza das coisas segue o seu curso. Sarney não acredita na desestabilização da Aliança Democrática, no plano federal, e imagina estar sendo dado o primeiro de muitos passos eleitorais destinados a aprimorar o regime e determinar o reencontro da Nação consigo mesma. Manteve a equi-

tância exigida pelas funções que exerce, não se intrometendo em nenhuma das campanhas, nem a da capital maranhense. Pessoalmente, tem definido o seu projeto político: realizar a obra de conciliação nacional, imprimindo ao setor social o ritmo imprescindível à correção das graves distorções que recebeu como herança. Não se candidatará mais a qualquer cargo eletivo, depois que deixar o Palácio do Planalto. Mas zelará para que as eleições a se realizarem até o término de seu período administrativo aconteçam com o mesmo empenho, a mesma liberdade e a mesma euforia da atual. Especialmente a que determinará o seu sucessor.

Não vai abrir polêmica com Leonel Brizola ou qualquer outro político que possa discordar de seu pensamento e de sua ação. Democracia também é isso. Qualquer opinião pode e deve ser expressa e defendida. Quem decide é o povo, e ele não se queixa dos índices de popularidade conquistados ao longo dos últimos meses, atingindo mais de 80% da população. Se isso é estar enfraquecido...

Também não faz parte dos planos presidenciais intrometer-se no jogo partidário, atuando ou estimulando fusões, incorporações ou divisões nas legendas em desenvolvimento. Se alguns políticos cuidam de formar novos partidos, que sigam seu destino. Interessa-lhe apenas receber, dos partidos, o respaldo necessário à promoção das metas definidas, não por ele, mas pela sociedade, como um todo. Não se encontra à cata de adesões interesseiras, mas procura reunir e congregar o maior número possível de tendências acordadas com os objetivos globais.

Mesmo sem anunciar, o presidente já decidiu que, em fevereiro, reformará o Ministério. Não por conta de crises e conflitos, mas, naturalmente, em função do desejo de muitos ministros de desincompatibilizar-se para concorrer às eleições de 1986. Junto com as forças que o apóiam, comporá a nova equipe de governo. O ano que vem não será um ano plácido, nem política nem administrativamente. Neste caso, porque precisarão desenvolver-se as iniciativas tomadas, bem como surgirem outras, de acordo com a conjuntura, no sentido de o crescimento econômico não ser interrompido e de as reformas estruturais prosseguirem. Naquele, por conta das eleições. O País inteiro será chamado às urnas, não apenas as capitais e uns poucos municípios, como agora. Mesmo devendo ocorrer mais choques de concepções, entreveros pessoais, partidários e ebulções, ficará provado constituir a democracia o melhor dos regimes. E muito possível para nós, que já a praticamos com sucesso. C.C.